

# MANUEL NETO DOS SANTOS

[Entrevista]

por Ángel Manuel Gómez Espada

**EL COLOQUIO DE LOS PERROS:** Escrever um livro de poemas na forma de um jornal, foi predeterminado ou nasceu como os diferentes poemas apareceram?

MANUEL NETO DOS SANTOS: Ao longo de toda a minha vida de poeta publicado (decorridos que estão 30 anos e 32 obras) fui sentindo - conhecedor da minha tendência natural à dispersão - que cada livro deve ter "personalidade própria". Assim, focalizo a energia criativa num aspecto específico do que quero afirmar em cada um cadernos. Partindo da sugestão da imagem de um dos poemas do meu querido Amigo e tradutor Pedro Sánchez Sanz; "aun así, persiste en enfrentar el desafío de la terca marea, con los labios apretados y arrugas al arrededor de los ojos". Ali estava eu, no seu poema. Solitário assumido, sem ser triste, perante as marés dos dias, e suas tempestades, enfrentando o indomável fluir do tempo, que nos traz a velhice.

**ECDP:** *É doce morrer no mar / nas ondas verdes do mar...* A eterna Cesária tem sido a trilha sonora da minha leitura. Foi apresentada a mim em muitos de seus poemas. Para você, portanto, o mar é um modo de vida, de compreendê-lo, ou é apenas um material poético de primeira qualidade.

MNDS: Sendo eu um poeta "do silêncio", todo o desassossego do mar me perturba; ao mar associo a sofreguidão do primeiro amor, ao mar associo as carícias e os beijos salgados, ao mar associo os gritos de desespero a plenos pulmões quando esse primeiro amor morreu. Da minha casa, no interior do Algarve, tenho o mar ao fundo mas já o rumor do seu vai-vem não me perturba; entrevejo-o além, ao longe, tal como uma memória de infância esbatida na alma como se fosse um esboço de neblina. Veja-se, pois, do meu primeiro livro de 1988 "Ó mar da gente lusa, mar de outrora,/ que eu canto nos meus versos, como posso/que pelas caravelas foste nosso/o teu rumor é como alguém que chora (...)

**ECDP: Também suspeito que não estará em grande sintonia com a vertiginosa transformação do Algarve nos últimos quinze anos, encorajada por aquele boom turístico que, além disso, parece ser mais ...**

MNDS: Querer que os lugares permaneçam "virgens" é uma utopia, a globalização é isso mesmo; sermos habitantes comuns. Mas, claro está, de coração creio que a explosão descontrolada e avarenta do turismo cometeu um gravíssimo erro; fazer do Algarve, a sua costa, o que pode ser encontrado em qualquer outro lugar do mundo; caixas de betão. O erro gravíssimo foi a galopante descaracterização da minha província. Por isso mesmo saí de Albufeira e decidi vir morara na beira-serra, no bucolismo de São Bartolomeu de Messines. Não tivesse eu tido essa "lucidez interior" e hoje não seria o poeta que sou.

ECDP: "Jamais serei poeta do roupão e de pantufas", diz em algum momento em seu trabalho. Mas este livro, em uma primeira impressão, parece uma coleção de cartões postais do Algarve que você viveu.

MNDS: Apenas conseguimos criar a partir do magma criador do que vivenciamos. Essa imagem tem tão somente a ver com a minha postura de homem que escreve mas que assume o seu papel social de intervenção, alguém que nunca se acomodou ao reconhecimento público mas antes, pelo teatro, pelo canto, pela declamação, por bibliotecas, escolas, prisões...tem tentado levar par "fora de portas" o mundo interior numa partilha assumida e necessária, nestes tempos em que o "egotismo" impera.

**ECDP: Há um forte vínculo com muitos poetas em espanhol em *Teimosa maré*. Somos muito mais parecidos com os poetas peninsulares do que eles querem que acreditemos, certo?**

MNDS: De há uns cinco anos a esta parte, a minha presença em Espanha tem sido uma constante; leitor e escritor compulsivo que sou, de cada vez que regresso a casa trago sempre livros que compro ou que me oferecem. De facto, com os poetas do país vizinho o meu "fazer poético" ganhou uma desenvoltura e musicalidade que me "desatou" do espartilho classicista da minha formação escolar. Dos poetas espanhóis recebi essa urgência de escrever em voz alta, muitas das vezes já pensando o poema em castelhano.

**ECDP: E as diferenças com a poesia feita em outras regiões de Portugal podem ser o legado *andaluz* do Algarve?**

MNDS: Sim, sem dúvida. Sem querer com isto dizer que há um "regionalismo de sentir diverso", um poeta do Algarve escreve indo beber ao seu redor, mesmo quando o aspecto formal e interno do poema se torna abstracto, num registo de maior intelectualização (veja-se, Nuno Júdice, António Ramos Rosa, Casimiro de Brito, Gastão Cruz); o azul, o sol, as sombras, a luz, o mar, os campos, os rios, as noras, as chaminés, as azenhas... enfim, somos "andaluzinos".

**ECDP: As paisagens algarvias continuam a surpreendê-lo. Ou isso parece depois de ler. "Surpresa" é uma palavra que se repete ao longo do livro. Daí o "teimosa", o mar que retorna a você como uma maré constante. Pontual e preciso.**

MNDS: Sou um poeta escreve por "ciclos"- daí tão importante a lua no que escrevo. Posso muito bem quedar-me em estado letárgico durante largos meses par depois escrever um livro completa numa ou duas semanas; sei-o e aceito-o placidamente pois nova fase virá e tomar-me-á de assalto como se fosse avassalante "maré viva". Nesses momentos... acordo a meio da noite com versos inteiros ecoando dentro de mim. Como dizia há uns dias, em Jerez de la Frontera, na apresentação de um dos meus mais recentes livros bilingues: "Eu não tenho culpa da poesia ser mais forte do que eu..."

**ECDP: Mas você também retorna ao mar sempre. Ou isso parece nos dizer aqui. No final, vai acontecer que o teimoso é você...**

MNDS: Assim é... sou uma forma de ser mar; cíclico, inesperado, irrequieto, avassalante...mas mesmo em "maré baixo" preparando o novo assalto par mais claramente recortar e descrever o contorno da minha essência.

**ECDP: Carlos Alcorta, falando do livro, diz que seus poemas são esboços impressionistas. Está de acordo?**

MNDS: Sim, de facto. Da urgência vos falava há pouco; sob o comando ditatorial das palavras, há que "agarrar" o que nos é dado ver e sentir e, num ápice, cristalizá-lo sobre a brancura do papel; a prová-lo estão os manuscritos autógrafos que tenho de passar a limpo de imediato antes que eu mesmo já não consiga decifrar o que escrevi.

**ECDP: Por que demorou tanto tempo para editar seus versos em espanhol? Chama a atenção, considerando seu vasto trabalho e a influência dos poetas que falamos antes.**

MNDS: Creio que, neste ténue registo de mágoa, poeta que me moldando e construindo num país que pura e simplesmente me ignora (no prefácio de uma das minhas obras diz o querido amigo e professor universitário António Cândido Franco " ... e ao que eu sei o seu nome não figura em qualquer dicionário da especialidade. Embora! Esta obra, não tendo assento na Literatura, tem lugar no Universo "

**ECDP: Devemos elogiar o trabalho de Pedro Sánchez Sanz, que conhecemos bem por ser um colaborador regular da nossa revista. Como surgiu a ideia de traduzir este livro?**

MNDS: De facto, une-me a Pedro Sánchez Sanz uma enorme admiração e amizade; traduzimo-nos mutuamente pois há um registo vocálico e poético de sentir que nos irmana sobremaneira. Aos poucos, firma-se por Espanha o meu trabalho literário que apenas se deve ao facto da vida me ter apresentado pessoas de uma enormíssima generosidade. De que me permito acrescentar Raquel Zarazaga, Juan Manuel López-Muñoz, António Wanceulen, Javier Glez, Cinta Leblic, entre tantos outros amigos.

**ECDP: A nostalgia do mar impulsiona o poema, no seu caso?**

MNDS: Sou mais poeta dos rios. Regresso ao mar apenas para ganhar esse alvoroço que me põe a alma num crescendo de ritmos para que os poemas sejam, de algum modo, "alterosos".

**ECDP: Que poetas da língua portuguesa mais influenciaram você? E quais recomendaria você para aqueles que estão longe de saber tudo o que é feito em Portugal e no Brasil?**

MNDS: O verbo influenciar é pernicioso. Prefiro dizer que me identifico com um certo número de vozes poéticas por com elas poder celebrar o acto "coral a capela" ou por encontrar nessas mesmas vozes timbres e expressões que eu mesmo gostaria que se tivessem revelado em mim. Antes similitude.

**ECDP: Que poetas espanhóis você checa constantemente?**

MNDS: Por razões da minha vertente como tradutor; Veja-se; ("abissais", " refúgio no voo", de pedro sánchez sanz, "cadernos de lisboa", de daniel garcía florindo, "por detrás dos olhos", de sylvia tocco , "seres quebradiços", de rocío hernández triano e " por vezes , quando chove, chega-nos o perfume do sal, de raquel zarazaga, "o eixo da luz" de josé iniesta, "versos de água" de clemen estéban lorenzo), tenho vindo a conhecer gradualmente os poetas clássicos e novas vozes poéticas de Espanha. Lorca, Cernuda, Hernandez... são de facto os poetas com quem muito tenho aprendido.

**ECDP: Haverá mais oportunidades para ler a Manuel Neto em espanhol?**

MNDS: Após a edição bilingue das seguintes obras: *juego de espejos-jogo de espelhos* (trilingue, 2016), *sangre de nubes-sangue de nuvens* (bilingue, 2018), *instinto* (antología breve, bilingue, 2018), *el libro de eros o mí corazón de giralunas* (bilingue, 2018), *terca marea* (bilingue, 2019), *kálimma*(bilingue, 2019) e *un templo para astarté* (bilingue, 2019), sairá em Sevilha, a 21 de Março de 2020, *Azahar-tributo a al-Mu'tamid* (quadrilingue).